

FICHA TÉCNICA

Título original: *Equazione di Un Amore*

Autora: *Simona Sparaco*

Copyright © 2016 by Simona Sparaco

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Filipe Guerra*

Revisão: *Anabela Macedo/Editorial Presença*

Imagem da capa: © Ilna Simeonova/Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 420 124/17

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a minha mãe,
e para o seu coração sábio
que ampara o meu desde que o pôs no mundo*

*e a D.,
cujos primeiros batimentos silenciaram tudo o resto.*

*«O pericárdio envolve-me e protege-me desde que nasci.
Sou talvez o único órgão do corpo a estar protegido por uma
membrana.*

*Muitas vezes perguntei a mim mesmo porquê.
Depois de anos de dura convivência, encontrei finalmente uma
resposta.*

*É para me proteger dos teus condicionamentos.
De Ti, que acreditas mais nas estrelas do que nos desejos.
De Ti, que tudo podes e comandas.»*

Segundo a física quântica, nenhum objeto tem uma posição definida exceto quando interage com algo que lhe é alheio. Como se as coisas não existissem sempre, mas se se materializassem num lugar preciso apenas quando chocam com um olhar.

Em frente de Lea, do outro lado da grande vidraça da sala de estar e do alto do décimo oitavo andar de um arranha-céus, Singapura luzia na noite como um diadema, com as estradas ainda cintilantes da luz dos faróis e dos geométricos espaços envolventes dos condomínios adormecidos. E é real. Pelo menos tão real como o cálice de vinho tinto que lhe refresca as polpas dos dedos ou a vela refletida no vidro, atrás de si, pousada no centro da mesa.

Um pensamento fundo, antigo, volta a surpreendê-la. Sente um ligeiro aperto no coração que a sua mente se preocupa imediatamente em silenciar. Voltam-lhe à lembrança as imagens dos manuais de física e de matemática e de um rapaz que observava a realidade através do prisma da ciência e que também a ensinara a amar a literatura. Um rapaz que talvez já nem sequer seja real. Pelo menos, na sua vida atual, não o é certamente.

Real é aquela imagem refletida na janela: Vittorio, o seu marido, que agora se levantou da cadeira para vir ter com ela.

Tinham acabado de jantar.

Vittorio, desejoso de carícias, saíra do escritório, o departamento jurídico de um banco de investimentos, algumas horas antes e caminhara até ao Katong, o restaurante preferido deles, onde comprara *laska*, uma sopa singapurense à base de *noodles*.

Antes de chegar a casa enviara-lhe uma mensagem: «Põe na mesa os pratos azuis e enfia o vestido preto de que eu gosto tanto :-).» Lea sorriu, intuindo as suas intenções, e, como o seu pedido parecia quase uma ordem, apressou-se a dispor na mesa o serviço de gala.

Aquela mensagem transmitia também a vontade de Vittorio em respeitar um ritual ligado à comida. Com os pratos dos restaurantes mais famosos e com as mais fantasiosas receitas, que ele se diverte a reproduzir e experimentar durante o seu tempo livre em função dos programas de cozinha, Vittorio curara-a. Literalmente. Pouco a pouco, conseguira arrancá-la daquele estado de magreza impressionante, cuja origem ainda hoje desconhece, e é através da comida que ele lhe demonstra, desde sempre, o seu apoio.

Agora abraça-a por trás, ela cola-se a ele. A sua respiração profunda revela que uma qualquer negociação no seu trabalho correu bem.

— Para onde estás a olhar?

— Para o futuro — respondeu ela sem se voltar.

— O futuro? E o que vês?

— Acho que anda muito depressa. Mesmo a esta hora.

Os faróis dos automóveis formavam rios de luz que serpenteavam de uns bairros para os outros.

— E tu, o que vês?

Ele, com os olhos fixos na janela, pousa o queixo sobre o ombro dela e diz-lhe: — Uma menina. Que me chama papá e que tem os teus olhos.

Só então Lea se volta para perscrutar os olhos redondos do marido. Aperta-lhe as mãos e acaricia-o.

Desejava poder satisfazê-lo, ele merecia isto e muito mais. Ela está consciente dos esforços que faz, do rodopio quotidiano e das preocupações no trabalho para trazer para casa muito mais do que necessitam para viver. Partira do zero e já alcançara tudo na vida. É legítimo que agora queira um filho. Estão casados há cinco anos, e se a princípio, quando se mudaram para Singapura, era Lea que não se sentia pronta, no último ano e meio começaram, com certa insistência, a tentar conceber um filho. A natureza parecia ter

decidido confiná-los numa sala de espera, o que contrastava com o temperamento impaciente de Vittorio, que decidira mudar-se para aquela parte do mundo, precisamente, para poder satisfazer a sua necessidade de ordem e pontualidade. Ora, a irregularidade do período de Lea não estaria nos seus planos. Sempre tivera um período irregular, desde a puberdade; mas, agora, o que ritmava a nova vida do casal eram, sobretudo, os grandes atrasos.

Poucos minutos depois deixa-se convencer por Vittorio a fazerem amor na mesa acabada de arrumar, numa posição que há muito tempo não se permitem. Da grelha do ar condicionado, ligado dia e noite para combater o calor e a humidade infernais, sopra-lhe uma aragem fria no lado direito da frente, agudizando-lhe a dor de cabeça, um mal que a aflige em fases alternadas, mais ou menos desde que se mudaram para Singapura.

As mãos do marido desabotoam-lhe o vestido com todo o cuidado e com a delicadeza necessária para não estragar nada. Apesar da escolha insólita da mesa, os preliminares são umas cerimónias lentas, constituídos por uma série de gestos familiares que põem Lea à vontade. Ao apoiar uma mão no ombro do marido, repara num pedaço de verniz que lhe estalara numa unha. Tinha-as pintado algumas horas antes porque sabia que isso agradava a Vittorio. Lea não gosta de maquilhar-se e usa apenas um pouquinho de pó facial para esconder as sardas que sempre detestou por achar que destoavam na sua tez pálida. Abandona-se aos beijos de Vittorio e afasta uma comprida madeixa de cabelos arruivados, descobrindo aquele ponto que a faz arrepiar-se. E, naquele momento, imagina como tudo se teria passado se Vittorio lhe tivesse arrancado o vestido com a urgência do desejo, antes do jantar, e a tivesse estendido na mesa quando ainda estava posta com o serviço de luxo. Seria um ato de paixão efêmera, não o amor que compõe a vida, diz ela para si própria, ao mesmo tempo que sente o corpo de Vittorio a ajustar-se ao seu e a inclinar-se, puxando-a para si até se transformarem num corpo único.

Agora deve deixar de pensar na dor de cabeça, no ar condicionado e em qualquer outra ninharia com que aquela sala a tenha

contaminado. Deve convencer-se de que também ela se pode transformar num corpo único, pois houve um tempo em que o considerara possível: perder qualquer contacto com o mundo exterior e ir parar a um outro lugar, imaterial e sem confins.

A matéria, contudo, ainda ali está, a toda a sua volta, articulada naquela casa-colmeia, muito provavelmente idêntica às outras trinta e oito casas-colmeias do arranha-céus, com todos os confortos de que são dotadas: o elevador que parava diretamente no interior dos apartamentos e era ativado por um pequeno cartão magnético que substituíra as chaves tradicionais; alçapões na cozinha, concebidos especialmente para deitarem o lixo; e o intercomunicador para falar com a portaria, à entrada do edifício. A matéria está no mobiliário minimalista em que predominam o branco e o alumínio; e no pavimento de mármore sem veios que está sempre impecavelmente limpo, apesar de ela raramente usar a esfregona, uma vez que ninguém entra em casa sem descalçar os sapatos. É um hábito local que Vittorio acolheu de bom grado. A matéria está no montante gasto mensalmente pelo banco de Vittorio com a renda e as despesas extraordinárias do apartamento, no qual ela não pôde sequer escolher um quadro ou um serviço de loiça porque já estava completamente mobilado. Num estilo tão futurista que até uma simples estante de livros seria um estorvo. E, naquela matéria, sentia a falta do cheiro do papel. Porque quando se mudara da sua casa de Trastevere para ir viver com Vittorio em Londres, Lea oferecera a Bianca todos os seus livros. A maioria dos seus vestidos e todas as outras coisas de que, por questões sentimentais, não conseguira desembaraçar-se foram parar à arrecadação da mãe em Morlupo. Teve de aprender a ler os livros no Kindle e, em lugar dos álbuns de fotografias, reinam dispositivos eletrónicos dos quais, a intervalos regulares, escorrem uns bons cinco anos de vida material ali suspensa: imagens do casamento, das viagens, dos momentos mais divertidos.

Agora, sente o perfume do marido penetrar-lhe nas narinas, uma fragrância à base de almíscar branco, na saliva um resquício aromatizado de *tabasco*. Vittorio deixa de se mexer dentro dela, envolve-lhe o rosto com as mãos em concha e fita-a com

os seus olhos grandes, os lábios entreabertos, o hálito quente na face: — Oh, meu Deus, és fantástica! — sussurra-lhe nos cabelos. E é então que Lea consegue finalmente sentir a paixão a tocá-la. É como ver uma concha a abrir-se, desvelando uma vida palpitante no interior. Vittorio faz aquele seu trejeito característico e inconfundível, franzindo a pequena cicatriz branca sobre o lábio superior. É a mesma expressão que tem quando acaba de cozinhar uma receita nova ou quando lhe vem à mente uma proposta de trabalho que acha entusiasmante.

Mostrara também aquele tique na noite em que se encontraram pela primeira vez, seis anos antes. Chovia a cântaros e ele, primorosamente, saíra do carro e, de guarda-chuva na mão, esperara por ela ao lado do portão de Ellerdale Road. Na altura, Lea estudava cenografia na London Film Academy e vivia em trinta metros quadrados pejados de livros, loiças, lençóis e vestidos espalhados, na companhia de um canário e de uma tartaruga. Naquela noite, nem uma única gota de chuva nem sequer uma lágrima a conseguiram molhar, apesar da sua enorme vontade de chorar, enquanto dizia para consigo: «Este é o homem a quem deverias e poderias confiar as chaves da tua vida.»

Um som eletrónico e familiar interrompe-os agora, avisando da chegada de uma mensagem. Provém do telemóvel de Vittorio, sempre o mais concorrido, e ele apressa-se imediatamente a ver a mensagem. E a magia daquele momento desvanece-se, volta a fechar-se na sua concha.

Vittorio, ainda nu, está em frente dela, mas já agarrado ao telemóvel, fazendo correr com os dedos as mensagens no ecrã. Cumprira há pouco quarenta e cinco anos, já lhe rareava o cabelo e a pele do pescoço e dos peitorais era ligeiramente mais rugosa. O corpo dele é magro, quase sem pelos, o peito não é musculoso e quando curva os ombros formam-se dois pequenos seios sedutores como nas estátuas de Apolo: corre, joga ténis e consome-se em intermináveis sessões de saunas depurantes depois do trabalho. Sabe que é um homem atraente e o seu ego alimenta-se também dos olhares adúladores dos outros, mas em tudo o que faz parece haver sempre um substrato, dirigido a ela, que pretende dizer-lhe:

«Eu não paro, não envelheço. Não te culparei, mas nunca seremos só nós, sozinhos, mesmo que não tenhamos filhos. Seremos sempre eu, tu e todos aqueles que vivem no meu telemóvel.»

Lea aproveita também aquela pausa para verificar se alguma casa editora lhe respondera. A sua mudança para Singapura inspirara-a a escrever um romance, o único que terminara, e que há pouco enviara por *e-mail* a todos os editores italianos que conhecia. Para todos, à exceção de um. Mas ainda não chegara qualquer resposta à sua caixa de correio eletrónica. Lea obriga-se a não se deixar obcecar e a ser paciente, mas sabe que alguém do outro lado do mundo, naquele momento, está a ler o seu manuscrito, e este simples facto enche-a de entusiasmo.

Quando Vittorio acaba de mexer no telemóvel, põe o pijama em cima da cama e enfia-se debaixo do duche. Com uma expressão impenetrável e descontraída, ensaboa meticulosamente o corpo e passa a máquina de barbear pelas faces e pelo pescoço. Entretanto, Lea desaparece para a outra casa de banho, o único lugar onde lhe é concedido um pouco de etérea desordem, e só depois de ter urinado repara no coágulo de sangue que flutua no fundo da sanita. Desta vez tinha chegado mais cedo.

Observa-o a desaparecer na descarga do autoclismo, torrente circular e rápida que parece formar uma espiral. Uma possibilidade não realizada, engolida por um fluxo de água, que lhe deixa na alma uma sensação de melancolia. Não tenciona contar nada disso a Vittorio, não esta noite, pelo menos.

Descalça, aproxima-se da janela.

A cidade começa a sossegar. As luzes atenuaram-se e a Lua branca no alto do céu, à qual falta um quarto, agora parece maior. Lea olha para lá do vidro, onde por um instante teve a impressão de ver refletido o olhar daquele rapaz do seu tempo de adolescente, de sobrolho franzido de cada vez que ela se perdia em pensamentos diante de uma equação matemática. Observa a cidade vagamente, sem se concentrar nela, como a um espaço transparente no qual o tempo não existe.

Heisenberg, com os seus «saltos quânticos», afirmava que a única maneira de os eletrões serem reais é saltarem de uma

interação para outra. Se não forem perturbados, não estão em nenhum lugar determinado mas sim num espaço matemático abstrato; e, também, que não é possível prever onde um elétron aparecerá de novo, mas unicamente calcular a probabilidade de que tal aconteça.

Será que ela também tinha ido longe demais para reduzir a probabilidade de um encontro? Ou para acabar por acreditar que aquele rapaz está confinado num espaço matemático abstrato e não existe?

Mas ele existe.

Foi a matemática que fez com que se encontrassem. Há encontros que carregam o peso de eventos irreparáveis, mesmo que comecem pela vontade de corrigir um erro. Frequentava o primeiro ano do segundo ciclo do liceu e, se não fosse por causa de um erro banal, nada teria acontecido.

Parecia um dia de janeiro como outro qualquer. A campanha tocava para a saída havia pouco e Lea atravessava o corredor que separava as salas de aula do gabinete do diretor. Naquela época ela era um pouco desajeitada nos movimentos e como que caminhava aos sacões. Trazia uns *jeans* largos, uma camisola pesada de gola alta, como se tivesse necessidade de esconder uma graça natural que não era capaz de controlar. Naquele dia, o cabelo, que usara sempre comprido até à cintura, estava enrolado sobre a nuca numa espécie de puxo atravessado por uma esferográfica. Os lábios carnudos de um vermelho-vivo e uma pequena covinha no queixo, que lhe dava um ar malicioso e infantil, contrastavam com aquele seu aspeto anónimo e atraíam os olhares. Era grande para a sua idade, esbelta e direita. As ancas eram estreitas, os seios apenas esboçados e os braços e as pernas eram tão finos que davam a impressão de se poderem quebrar a qualquer momento. Era uma criatura não completamente formada, ainda verde, que, através de um esforço exagerado para melhorar as suas capacidades intelectuais, tentava afastar-se de uma mãe ansiosa que tudo o que sabia fazer era exaltar-lhe a beleza. Lea nunca fora uma boa aluna na escola, tinha dificuldade em concentrar-se, em recordar

nomes e datas e, provavelmente, hoje ter-lhe-ia sido diagnosticada uma ligeira forma de dislexia; ao ler, confundia os «d» com os «b», mas raramente era repreendida por causa daqueles imprevistos tropeções que somente suscitavam sorrisos carinhosos.

Dera o seu primeiro beijo quando frequentava o oitavo ano, na garagem de Bianca, no jogo da garrafa, a um rapazito que ficara embasbacado a olhar para ela e Lea enfiara-lhe apressadamente a língua na boca aberta. As suas companheiras já falavam de sexo e de contraceptivos, e ela ouvia-as com curiosidade mas sem urgência. Estava deseiosa de experimentar, mas não poderia suportar novamente outra desilusão como acontecera depois daquele beijo. «Não gosto de ti», repetira ela candidamente aos rapazes que lhe tinham proposto fazer amor durante o último verão, e depois tentava consolá-los, exprimindo através daqueles gestos tão solícitos a sua verdadeira beleza, quando os ajudava a compreender o porquê da sua resposta ou os encaminhava para as amigas menos exigentes: «Na minha opinião ela é perfeita, mas oferece-lhe o “Heart-Shaped Box” dos Nirvana», e, entretanto, esperava que lhe cantassem a ela «*Hey, wait, I've got a new complaint, forever in debt to your priceless advice*».

Naquele dia, o diretor convocara-a ao seu gabinete para lhe falar dos seus dramáticos resultados em matemática. Dirigiu-se para lá com os atacadores de um dos sapatos desapertados e tropeçou ao longo do corredor. Só ao erguer os olhos reparou nele: um tipo mais velho do que ela. Parecia ser um ex-aluno que, passado algum tempo, viera de visita à sua escola. Mas não era, como veio a descobrir depois. Andava no último ano e transferira-se havia pouco de uma cidade do Norte.

Com uma cautela quase irreal, ele estendeu-lhe uma mão para a ajudar, mas perante o encolher de ombros da rapariga, «Sou uma trapalhona!», coroado por um amplo sorriso, ele retraiu-se imediatamente. Para Lea, isto foi como se os dedos afunilados do rapaz a tivessem empurrado novamente para o chão. Sentira vergonha.

Ficaram durante um pouco sentados ao lado um do outro no banco em frente da porta do gabinete do diretor. Não trocaram

uma única palavra: Lea fixava o muro e em cima dos joelhos tinha o caderno de matemática repleto de desenhos e gatafunhos nas margens que continuava a folhear nervosamente; ele estava vestido de uma forma estranha, com um casaco de bombazina com as mangas arregaçadas que era, pelo menos, dois tamanhos acima do dele, indo contra os cânones da moda daqueles tempos, apesar de essa mesma moda permitir combinações extravagantes. E era sobretudo este facto que, pelo menos à primeira vista, o tornava pouco atraente. Tinha as feições regulares, mas os cabelos muito curtos faziam realçar as orelhas exageradamente grandes. Nas faces, martirizadas por uma acne virulenta, tinham ficado as marcas das cicatrizes. Mas devia haver outras cicatrizes invisíveis naqueles olhos amendoados, que tinham qualquer coisa de doloroso e irremediável, no modo de os voltar para lá da janela ou de mover rapidamente as pupilas como se quisesse comprimir o tempo de espera. Levava a mão ao lóbulo da orelha e acariciava-o, como que a consolar as feridas interiores, e manifestava a sua mágoa na tremura da perna direita, batendo com o pé no chão insistentemente.

O rapaz provocara-lhe uma espécie de aflição e, quando chegou a sua vez, ao levantar-se do banco para entrar na sala do diretor, sentiu-se quase aliviada.

Depois, naquela mesma tarde, foi à biblioteca para acabar os trabalhos de casa. Só deu conta da sua presença quando o viu sentado ao lado dela.

Era já a segunda vez que Lea rasgava uma folha e que começava de novo a resolver a equação sem atinar com o resultado. Estava a perder a paciência quando se apercebeu de que ele a estava a observar.

Em tom divertido, disse-lhe: — Estás com vontade de gozar comigo por causa da minha queda desta manhã ou quê?

Ele não lhe respondeu e continuou concentrado na folha do seu caderno. Pôs-lhe uma mão no antebraço. Uma mão calma, que infundia calor e, ao mesmo tempo, um desassossego inesperado. Disse-lhe: — Tens um erro nesta linha. — Categórico, lacónico.

Lea não podia acreditar que ele tivesse sido capaz de encontrar o erro naquele emaranhado de números.

— Isto aqui é dois, não oito — acrescentou. — Portanto, simplificando, aqui não pode dar quatro.

Apesar de naquele ano ter decidido trabalhar duramente para recuperar o seu atraso, nunca se envergonhara dos erros cometidos e não lhes dava grande importância. «No fundo, para que serve, na vida, uma fórmula matemática?», dizia ela para si. E agora aquele desconhecido fazia com que se sentisse em falta. *Forever in debt to your priceless advice?*

Antes que ela pudesse replicar ou verificar a exatidão das suas observações, ele voltou-se e dirigiu-se para a saída.

Ouviu uma voz, vinda do quarto, a chamá-la. Vittorio já estava soterrado sob os lençóis.

Lea aproxima-se, tentando dissimular qualquer tipo de hesitação. Tinha necessidade de afundar a cabeça no seu peito, de voltar a sentir aquele calor que ele consegue transmitir-lhe ainda mais do que no sexo. Contudo, para no umbral como que suspensa. Lança um último olhar à caixa de correio eletrónica do telemóvel. Ainda está vazia.

— O que tens? Pareces preocupada.

— Veio-me de novo o período — respondeu, deitando-se na cama à direita de Vittorio, e acabando por lhe esmorecer o sorriso.